

ENTRE ESPÍÕES E SEGREDOS: UMA HISTÓRIA COMPARADA NOS SERVIÇOS SECRETOS ANGLO-AMERICANO DURANTE A II GUERRA MUNDIAL

Raquel Anne Lima de Assis¹

Resumo: Este artigo tem o objetivo de apresentar aspectos da organização e do funcionamento dos serviços de inteligência e espionagem britânico e norte-americano durante a Segunda Guerra Mundial. Tais serviços foram empreendidos por três órgãos: o *Secret Intelligence Service* (SIS ou MI6), o *Special Operations Executive* (SOE), ambos da Inglaterra, surgidos em 1909 e 1940, respectivamente, e o norte-americano o *Office Of Strategic Services* (OSS), nascido em 1941. Para isso utilizaremos como aporte metodológico a História Comparada na perspectiva de Marc Bloch ao analisarmos sociedades análogas, próximas no tempo e no espaço para encontrarmos dessemelhanças e influências mútuas na atuação de ambos os serviços secretos. Assim, neste texto analisaremos manuais e livretos desenvolvidos por estas agências no treinamento de agentes secretos para atuarem nos teatros de operações do conflito, empreendendo atividades de inteligência e operações especiais e clandestinas para auxiliar os Aliados contra o Eixo.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial; Inteligência; Espionagem.

¹ Mestre em História Comparada pela UFRJ (PPGHC). Integrante do Grupo de Estudo do Tempo Presente (GET/UFS/CNPq)

Abstract: This text has the purpose of presenting some aspects of the organization and operation of the intelligence and espionage services British and American during World War II. This activities were practiced for two British institutions, the *Secret Intelligence Service* (SIS or MI6) and the *Special Operations Executive* (SOE), both born in 1909 and 1940 respectively, and the American *Office Of Strategic Services* (OSS), that emerged in 1941. For this we use the ideas of Marc Bloch about Comparative History to find similarities and differences between these two societies and their espionage services. Therefore, we analyze manuals and booklets developed by these agencies in training secret agents to operate in the theaters of conflict operations, engaging in intelligence and special and clandestine operations to assist the Allies against the Axis.

Keywords: Second World War; Intelligence; Espionage.

"Eu havia andado por cerca de uma hora através das colinas, evitando as estradas, preferindo seguir próximo à margem mais densa da floresta para que eu pudesse me esconder em caso de emergência. De repente, um barulho de veículos que vinham subindo a colina preencheu o ar.

Tomada de medo, meu coração batia dolorosamente. Me escondi atrás de uma grande moita, esperando pelos invasores. Invisível, vi um transporte de tropas alemãs se aproximar, então, uns poucos minutos depois, um dos carros da equipe passou com um par de oficiais de alta patente esparramado no banco de trás. As máquinas passaram ressoando, crepitando e eu já estava prestes a sair do meu esconderijo quando uma motocicleta com um sidecar aproximou, montado por um soldado alemão e um companheiro. Eu corri para dentro da floresta até o som do motor desaparecer.

Sozinha novamente, eu examinei os arredores e notei uma pequena fazenda à frente. Estava mal conservada, as pedras das paredes estavam desmoronando. Eu pude ver um celeiro ao lado. As dobradiças da porta estavam quebradas, o estábulo estava vazio e os animais tinham ido embora, exceto por uma vaca que começou a recuar nervosamente com a minha aproximação.

Um homem baixo, atarracado e de meia-idade, com uma barba preta desgrenhada que lhe cobria o queixo, passou pelo canto da

construção principal. Ele virou a cabeça instintivamente em minha direção, como se soubesse que havia alguém ali. Depois de um minuto de indecisão, ele abriu a porta da frente e entrou.

Eu o segui e bati na entrada.

O painel se abriu cautelosamente e o duplo cano de uma arma de caça me cumprimentou. 'Qu'est-ce que vous voulez?' 'O que você quer?' perguntou o homem segurando a arma.

Eu espiei pela porta aberta. "Eu sou de Arbois. Eu estou procurando pela minha família que deixei com a aproximação da batalha. Eu estou perdida. Pode me ajudar?"

O fazendeiro me observava meticulosamente. 'Qual é o seu nome?'

'Helene Massiere,' menti, propositalmente adotando meu nome local.

'Eu não sei o que você quer, mas eu sei que você não é desta redondeza'.

Em um último esforço, eu disse, 'eu estou perdida e

eu sou de Arbois. Eu estou procurando pela minha família que deixei com a aproximação da batalha. Eu estou perdida. Pode me ajudar?"

O rosto do homem relaxou, agora mostrando curiosidade.

Ele respondeu.

Ele completou a senha. Eu estendi minha mão em reconhecimento. Ele virou sua cabeça para o fundo da sala.

'Você pode sair, Mathilde. Você ouviu? Ela é uma de nós'.

(...)

O homem estava nervosamente preocupado. 'Você precisa de informações, não é? Um comboio alemão esteve aqui ontem à noite. Eu entendo um pouco a língua deles. Eles estavam conversando sobre chegar a Vesoul e tentar tomar uma posição. Eles também falaram em explodir uma das pontes sobre o Rio Doubs. É tudo que posso te dizer'. Ele andava de um lado para outro enquanto eu bebia meu copo de leite. 'Escute, tenho um contato para você. Tournaire é o nome dele. Ele é um caçador. Tenho certeza que ele irá ajudar você.' Ele me deu as direções. 'Tome cuidado', ele adicionou em despedida, 'os alemães estão perambulando por aí. Eles estão em todo lugar'. (Tradução nossa).

Helene Deschamps-Adams, agente secreta OSS que trabalhou atrás das linhas inimigas na França, setembro de 1944.

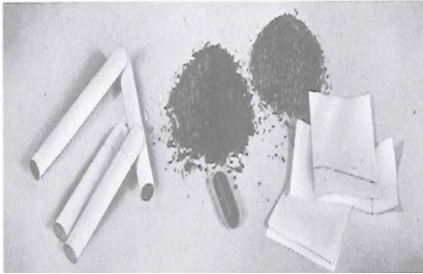
A narrativa acima nos parece cena cinematográfica, mas é o relato de uma agente secreta OSS, Helene Deschamps-Adams, em 1944 (DESCHAMPS-ADAMS 1991, p. 140-164). O objetivo dela era coletar informações sobre o posicionamento das tropas alemãs na França que ocuparam o país em 1940 e instauraram o governo colaboracionista de Vichy. Tais informações contribuíram para o desembarque dos americanos em 1944 no território francês no chamado Dia D, os libertando dos nazistas. Este é um exemplo de uma das formas utilizadas por tais agentes para obter dados, através da população local. Entravam em contato com estas pessoas para que observassem as tropas inimigas e depois repassassem informações aos espões. Como em alguns casos suas identidades não eram conhecidas, a identificação era feita através de uma senha, que no caso acima foi "*está um mal tempo*", ao passo que o fazendeiro deveria, e assim fez, responder "*Sim, tão mal como semana passada*".

Em pleno contexto da Segunda Guerra Mundial, para vencer, a luta não se limitou ao uso da força nos campos de batalha com tiros e explosões. Uma forma complementar para auxiliar na elaboração de estratégias foi o uso de agências de inteligência e espionagem. A meta era coletar e analisar informações, além de empreender operações especiais e clandestinas. Diversos países beligerantes utilizaram destes órgãos, dentre eles estavam o norte-americano *Office of Strategic Service* (OSS) e os britânicos *Secret Intelligence Service* (SIS) e o *Special Operations Executive* (SOE). São estes serviços secretos que iremos estudar neste trabalho. Sendo assim, nesta artigo iremos apresentar a organização e o funcionamento das agências de espionagem norte-americana e britânica durante a II Guerra Mundial. Para isto, alguns questionamentos nos nortearam como: o que foram e quais seus objetivos? Como nasceram? Quais motivos para terem surgido? Como estavam organizadas?

Trabalhando infiltrados em território inimigo, camuflados e utilizando dispositivos especiais, como cigarros capazes de produzir chamas de até cinco segundos², e sendo chamados por codinomes para manter o disfarce são algumas das ações para além de *James Bond*, o famoso

² No final de 1944 cerca de 43.700 cigarros incendiários tinham sido produzidos e distribuídos. Cf.: SEAMAN, Mark. Introduction. In: **Secret Agent's Handbook: The WWII Spy, Manual of Devices, Disguises, Gadgets, and Concealed Weapons**. Canada: The Lyons Press, 2001, p. 19.

agente da longa série de filmes *007* e que surgiu originalmente na literatura nas obras de Ian Fleming. Eram ações reais e praticadas em tempos de guerra por agências de espionagem e seus espiões que ocorreram durante o conflito.



Cigarro incendiário capaz de produzir chamas de até cinco segundos utilizado por agentes secretos.

(Fonte: Catalogue of Special Devices and Supplies, 1945)

A importância da inteligência na guerra pode ser verificada na derrota da França para os Alemães em 1940. Não foi o único fator, nem determinante, mas inegavelmente contribuiu. Como afirmou Marc Bloch em *A Estranha Derrota*: “O fato de que nossos chefes nunca soubessem perfeitamente as verdadeiras intenções do inimigo e, talvez, pior ainda, suas possibilidades materiais, pode ser explicado pela má organização de nossos serviços de informação” (BLOCH, 2011, p. 48). Bloch (1886-1944) foi historiador, capitão do exército francês e membro da Resistência Francesa. Esta obra é ao mesmo tempo um testemunho de época, escrito em 1940, e um trabalho historiográfico que analisa os fatores que levaram a França perder e ser ocupada pelo exército alemão. O autor nos mostrou como é possível fazer história no calor dos acontecimentos por ter lutado como soldado francês contra os nazistas e por ter analisado o conflito em perspectiva histórica.

Ainda nesta obra o historiador deixa claro seu orgulho de ser francês, mas assume que a culpa da derrota foi dos próprios franceses. Sendo assim, ele apresenta as falhas da França no conflito como pelo fato de não se adequarem à guerra de velocidade; a baixa moral da população na organização da resistência; e uma indústria bélica despreparada. Além da falha de comunicação e o excesso de burocracia. Bloch apresentou como foi difícil a comunicação entre os oficiais mais rasos com os superiores. Havia também lentidão para se tomar decisões e a dificuldade de repassar informações, devido à desorganização. Para completar, os oficiais entravam em conflitos constantemente entre si, o que o autor chamava de “partidos militares”. Ele apresentou a importância dos serviços de inteligência na guerra e como sua deficiência contribuiu para a derrota dos franceses (Ibidem, p. 48).

A sua defesa é que o conhecimento é um meio necessário para montar a estratégia.

A informação de que na Noruega, que foi invadida pela Alemanha em 1940, estava sendo produzida água pesada para a produção de uma possível bomba atômica alemã e os planos para evitar que isto ocorresse, bem como o isolamento da Bretanha em pleno desembarque da Normandia (Dia D), evitando a chegada de reforços alemães, mostram o papel desempenhado pelo OSS e pelo SOE (WILLMOT, 2008, p. 228). A utilização de suas ações em atividades de inteligência, sabotagem e propaganda em países ocupados pelo Eixo foi estratégica e pensada como parte fundamental da vitória final dos Aliados.

Ambas as agências empreendiam serviços de espionagem e inteligência para dificultar a ocupação do território pelo inimigo. Essas agências procuravam incentivar a resistência pela própria população local nos países dominados pelo Eixo, instigando ações de sabotagem e propaganda. Em territórios ocupados pela Itália e pela Alemanha, assim como em zonas invadidas pelos japoneses, a ação dos movimentos de resistência foi fundamental para dificultar o trabalho do inimigo e ajudar na vitória final dos Aliados. Para isso, as agências de inteligência britânica e norte-americana procuraram empreender ações de espionagem, sabotagem e propaganda.

Estados Unidos e Inglaterra tiveram, no contexto dos seus respectivos serviços secretos, trajetórias muito semelhantes. Ao contrário das tensões em torno dos seus exércitos nacionais, uma relação de parceria parece ter sido mais rapidamente desenvolvida entre o OSS e o SOE. Evidência desta cooperação pode ser observada no fato de que coube aos agentes britânicos prepararem os americanos em um centro de treinamento no Canadá (chamado *Camp X*), ou ainda pelo fato do OSS fornecer suprimentos e inteligência ao SOE em algumas oportunidades. Este é um dos pontos de cruzamento na história de ambos os países e seus serviços secretos. Como nos mostra José D'Assunção Barros, a História Cruzada dialoga com a História Comparada (BARROS, 2014, p. 149). O mesmo autor afirma que estes campos historiográficos, juntamente com a História Transnacional, a História Interconectada, a História Entrelaçada e a História Global, possuem procedimentos relacionais, sendo possível uni-los em uma História Relacional (Ibidem, p. 164). Desta forma, ao comparar estas sociedades notamos o quanto elas estavam interconectadas. O mesmo pode ser observado em ações conjuntas nos teatros de guerra como ocorreu no Dia D.

Neste cenário, o *Special Operations Executive* e o *Office Of Strategic Services* criaram e utilizaram manuais que deveriam cumprir a função de material didático aos agentes secretos para o planejamento de operações reais em serviços de inteligência. Era a estes espiões que as obras deveriam capacitar para que ações de espionagem, sabotagem e propaganda fossem realizadas em território inimigo. Eles deveriam ensinar estas técnicas à população local para formar a resistência. Estes materiais eram produzidos com propósitos administrativos internos ou como literatura de treinamento e não tinham como objetivo o grande público (BULL, 2013, p. 22).

Essa necessidade de produzir suportes didáticos para os agentes em formação ajudaria a evitar coisas como, por exemplo, o uso de documentação incompleta ou de um tipo de vestimenta inadequado ao local, conforme explicava o livreto *Manual of Disguise* (Manual de Disfarce,) de 1944. Ou conforme o *Sten Gun Manual* (Manual da Sten Gun), também de 1944, que orientava sobre o uso da metralhadora mais comum entre os membros da resistência, capaz de 550 disparos por minuto. Podemos mencionar também os manuais, assim como os *leaflets* (folhetos), que orientavam sobre como produzir *poison pen letters* (falsos documentos), como difundir rumores, como criar uma *black radio* (emissão radiofônica de informações falsificadas), entre outros³.

1.0 Espionagem: usos e definições

Numa guerra o uso da informação procura prever ações do inimigo e, assim, conduzir suas forças armadas. Desta forma, entendemos o conceito de inteligência, na perspectiva de John Keegan, como a coleta, interpretação e análise de informações para conhecer o inimigo, suas fragilidades, seus pontos fortes e seus planos. Segundo o autor, para que possua efeito satisfatório é necessário que as informações sejam obtidas em tempo real (KEEGAN, 2006). Assim sendo, é fundamental que haja comunicações rápidas para que as informações cheguem ao teatro de operações a tempo de serem utilizadas nas elaborações das estratégias e táticas.

³ OFFICE OF STRATEGIC SERVICES, **Manual of Disguise**, 1944; OFFICE OF STRATEGIC SERVICES, **Simple Sabotage Field Manual**, 1944; THE WAR OFFICE, **Sten Gun Manual**, 1944.

Uma das formas utilizadas pela inteligência para coletar essas informações e até mesmo desinformar (oferecer informações erradas para enganar o inimigo) é através da espionagem. Conforme Eva Horn, espionagem consiste em operações secretas empreendidas por espiões com meios clandestinos para enganar e conhecer. “É a luta pela vantagem no que é conhecido, um jogo de esconder e revelar, informação e desinformação” (HORN, 2003, p. 06). O critério mais importante não é a verdade, tampouco a falsidade, mas a eficácia tática. O conhecimento como arma para obter vantagem estratégica.

Segundo André Luís Wolosyn, a espionagem tem como objetivo transmitir informações sobre o inimigo para proporcionar uma ampla visão da situação, e assim, apontar tendências e elaborar estimativas (WOLOSYN, 2013, p. 136-7). Os tipos de informações são, por exemplo, comportamento do inimigo, localização de instalações sensíveis, situação econômica do país, capacidade industrial e tendência dos governos nas abordagens de diversas situações. Essas informações podem ser coletadas pela infiltração de agentes entre os inimigos, para que possam relatar sobre os alvos de observação.

Portanto, espionagem significa conhecer o inimigo. Trata-se de obter informações sobre aquilo que está escondido ou tentam esconder. Desta forma, são necessárias atividades clandestinas, que envolvem mentiras, segredos, atividades enganosas, vantagens da surpresa, distração, desinformação, vigilância, técnicas operacionais, infiltração, camuflagem etc. Em outras palavras, é uma guerra secreta por meios de intrigas e armadilhas. Podem parecer ações “imorais”, mas que constituem um fator importante para ajudar a vencer guerras e que foram utilizadas por diferentes batalhas na história.

Como afirma Clausewitz, informação é “o conjunto de conhecimento relativo ao inimigo e ao seu país, e por consequência, a base sobre a qual se fundamentam as nossas próprias ideias e os nossos atos” (CLAUSEWITZ, 2003, p. 79). Nos conflitos modernos, como na II Guerra Mundial, essas informações poderiam ser coletadas por interceptação e decifração de mensagens (SIGINT – *Signals Intelligence*); reconhecimento aéreo (IMINT – *Imagery Intelligence*) e agentes secretos (HUMINT – *Human Intelligence*).

É neste cenário que aparece o espião. Na clássica obra de Sun Tzu, *A Arte da Guerra*, o espião era dividido em cinco tipos: espiões locais, eram os próprios habitantes do território local; espião

interno, eram os oficiais do inimigo; espiões convertidos, era utilizar de espiões inimigos presos para seus próprios propósitos; espiões condenados, era fazer certas atividades abertamente com o objetivo de enganar e permitir que esses espiões soubessem delas e informassem ao inimigo; e espiões sobreviventes, eram aqueles que retornam do território inimigo trazendo informações (TZU, 2014, p. 152). Sendo assim, o espião ou agente secreto era o intermediário da guerra secreta ao coletar e transportar informações. Fazendo isso se passando pelo inimigo ou por estrangeiro.

Dentre esses temos o caso de Garbo, um agente duplo que se vendeu aos alemães como pró-nazista na Grã-Bretanha. Trabalhando para os britânicos, sua tarefa era fornecer informações falsas aos oficiais alemães. Isso auxiliou para o sucesso do Dia D com identificações de divisões Aliadas inexistentes. Contribuindo, assim, para erros de avaliação cometidos pelo Exército Alemão em relação aos pontos de desembarque dos Aliados (KEEGAN, 2006, p. 346). Também podemos citar a mudança de alvos das Armas V (uma arma alemã de artilharia de longo alcance para bombardear cidades e causar terror a população local e tida pelos alemães como uma possível solução milagrosa para vencer a guerra, o que não foi) graças à disseminação de informações distorcidas, contribuindo para diminuir os danos na Inglaterra. Neste caso não foi mérito dos agentes falsos, mas de um homem chamado Ostro, baseado em Madri (Ibidem, p. 347).

2.0 - O que, como e por que: conhecendo as agências

Ao pensarmos os serviços secretos britânico, o *Secret Intelligence Service (SIS)* e o *Special Operations Executive (SOE)*, e norte-americano, o *Office of Strategic Services*, durante a Segunda Guerra Mundial, podemos exemplificar essas ideias e definições sobre o serviço de inteligência e espionagem. Faremos isso os comparando para observarmos suas semelhanças e diferenças. Para isto, segundo Helder Ponte, precisamos primeiro estudar o particular de cada objeto para depois compará-los. Assim, entendemos o que ocorreu em cada caso, quais fatores comuns e suas diferenças (PONTE, 2007). Portanto, procuraremos descrever cada uma delas.



2.1 O que foram e quais os objetivos do SIS e do SOE?

Para falarmos de agência de espionagem e inteligência britânica temos que pensar em duas instituições: o *Secret Intelligence Service* (SIS) - Serviço Secreto de Inteligência - e o *Special Operations Executive* (SOE) - Agência de Operações Especiais. A primeira, conhecida também como MI6, voltada principalmente para a coleta de informações no exterior. A segunda, operações especiais em países ocupados pelo Eixo através de sabotagem, propaganda e guerrilha. Diferenciando, assim, do *Office Of Strategic Services*, que uniu essas atividades em um único órgão. Devido à essa separação era frequente tensões entre o SIS e o SOE em alguns momentos pelo controle de áreas de influência.

Mas, isso não eliminou a necessidade de trabalhos conjuntos quando possuíam interesses em comum que precisavam de ajudas mútuas. Agiram em parceria em algumas atividades clandestinas e subversivas no contexto da II Guerra Mundial, como ocorreu em 1941, em Belgrado. Ambas as agências trabalharam juntas para depor o príncipe regente pró-nazista Pavel Karagueoguevich, beneficiando, assim, os Aliados. Isso indica que a depender do contexto e dos interesses envolvidos poderiam ser parceiras ou rivais, demonstrando que suas relações eram inconstantes e flexíveis.

O principal objetivo do SIS quando nasceu, em 1909, era coletar informações sobre a Alemanha. Foi um período marcado pelo imperialismo e pelas tentativas hegemônicas dos alemães que pretendiam dominar novos territórios, o que colocava os interesses ingleses em risco. Sendo assim, os britânicos procuravam informações econômicas e militares a fim de se preparar para uma possível guerra. Inclusive mantiveram parceria com os franceses que possuíam os mesmos propósitos.

Por sua vez, o objetivo do SOE ao nascer, em 1940, era dificultar a ocupação do território pelo inimigo. Essa agência procurava, assim como o OSS, incentivar a resistência pela própria população local nos países dominados pelo Eixo, organizar e auxiliar movimentos de resistência e instigar ações de sabotagens e propaganda. Conforme Sir Robin Brook, o SOE foi dividido em duas faces: a primeira, em operações clandestinas de agentes de forma individual ou redes que trabalhavam em movimentos de resistência entre a população

ocupada; a segunda, em operações militares por agentes secretos em conjunto com tropas oficiais (BROOK 1991, p.6). Mas, isso não excluiu o fato do SOE também produzir inteligência, como fizeram na Holanda e no Extremo Oriente. Entretanto, M.R.D. Foot afirma que para o chefe do OSS, William Donovan, o SOE era fraco em coletar informações (FOOT, 1991, p. 296). Isso sugere a possibilidade de que o principal objetivo do SOE eram as Operações Especiais mais do que a Inteligência Secreta. A agência chegou a empregar cerca de 13.000 pessoas em 1944, entre planejadores, agentes, pesquisadores, treinadores, pessoal do administrativo etc.

Mesmo a Alemanha sendo o principal alvo destas agências, elas não conseguiram infiltrar agentes no Reich. Conforme Ladislav Farago, os britânicos perderam uma ótima oportunidade porque o governo alemão era um grupo heterogêneo de profissionais (FARAGO, 1961, p.47). Obtinham inteligência *humint* através de redes de agentes em outros países, de outras agências, de alemães ou de viajantes pela Alemanha. Porém, o inverso ocorreu com a infiltração pela Abwehr, agência de espionagem alemã, no SOE e no SIS. As tentativas de se infiltrar na Alemanha causaram a prisão e morte de diversos espões. Entre 1938 e 1939, vinte e três espões britânicos de nacionalidade alemã foram executados (Ibidem, p. 40).

2.2 - Como as agências estavam organizadas e divididas?

Dentro destas organizações havia diferentes setores com suas respectivas funções. No SIS um dos mais famosos e eficientes foi o *Government Code and Cypher School* (GC&CS). Era uma escola situada em Bletchley Park, uma mansão em Buckinghamshire, ao norte de Londres, para decifrar mensagens criptografadas, tendo o monopólio da Inteligência de Decodificação de Sinais. O GC&CS se expandiu através do recrutamento em universidades e contatos para encontrar potenciais recrutas. Isso gerou uma expansão rápida, embora o recrutamento fosse um processo sigiloso, informal e personalizado.

O *Industrial Intelligence Center* (Centro de Inteligência Industrial), criado em 1931, tinha foco na capacidade industrial da guerra, mantendo contato com firmas comerciais, como a *Anglo-Persian Oil Company*. Pertenceu ao SIS até 1934 quando se tornou

autônomo, trabalhando em parceria com a agência de espionagem. O *Z Organization* (Organização Z), tratava-se de uma rede de agentes na Alemanha e Itália que permaneceu separada da estrutura do SIS para ter mais chances de sucesso em caso de guerra. Contudo, seu treinamento era rudimentar. Com objetivos similares de penetrar na Alemanha e Itália, também havia o *2200 Organization* (Organização 2200). Para Keith Jeffery, antes da II Guerra este órgão não fez muitas contribuições, mas chegou a produzir inteligência sobre economia e batalhas (JEFFERY, Op. cit., p. 316).

Ainda sobre o SIS, a *Section X* (Seção X) era responsável por grampos de linhas telefônicas de embaixadas em Londres, principalmente da Alemanha, Itália, Espanha, Japão e URSS. Produziram grandes quantidades de informações políticas, econômicas e militares. A *Seção de Comunicação* do SIS fornecia *wireless*⁴ aos agentes, porém, era uma tarefa difícil. A dificuldade era que o agente não poderia ser pego e para isto precisava ser bastante inteligente. A falha poderia resultar em sua morte. A primeira instalação de *wireless* que deu certo foi em Praga diante da crise da Tchecoslováquia (1938), quando na Conferência de Monique a Inglaterra e a França aceitaram que a Alemanha ocupasse parte do país para evitar um confronto direto com os alemães, mas a ocupação deste resultou na invasão completa do território e sem pronunciamento dos ingleses e franceses. Foi o principal meio de comunicação entre o SIS e *Foreign Office* e foi a única forma até o fim do colapso da Polônia.

Informações eram também obtidas por fotografias clandestinas. O setor do SIS responsável por esta tarefa era o *Winterbotham's Section II*, organizado em uma Unidade de Fotografia Aérea. A *Section VII* (Seção VII) era responsável pelo recrutamento. Identificava potenciais agentes atrás das linhas inimigas que eram equipados com *wireless* para a produção de mensagens decifradas. Eram escolhidas pessoas que não gerariam suspeitas devido às suas profissões como, por exemplo, médicos, dentistas, padeiros e pequenos lojistas. Esse pessoal poderia circular graças as suas necessidades profissionais e recebiam muitas visitas de outras pessoas em territórios ocupados, proporcionando a coleta de informações. Eram recrutados também para sabotagem recebendo equipamentos e dispositivos para suas atividades (Ibidem, p. 320).

⁴ Entendemos neste trabalho *wireless* como transmissor de rádio.

Falando em sabotagem, este era outro tipo de atividade além da coleta de informações empreendida pelas operações especiais. A tarefa era responsabilidade da *Section IX* ou *D* (Seção IX ou D), nascida em 1938. Seu objetivo era planejar, preparar e executar esse tipo de operação. O plano era sabotar alvos na Alemanha como sistema de fornecimento de eletricidade, comunicações telefônicas, ferrovias e fornecimento de alimentos. Desta forma, tentava afetar a moral e causar descredito no Partido Nazista. Como pretendiam prejudicar a vida econômica e militar dos alemães, alvos como fábricas e comunicações foram identificados. Inclusive pensaram em comunistas e anarquistas, mesmo com as divergências políticas do governo inglês para com esses grupos, para executar tais tarefas, pois, eles eram parte da resistência contra o nazismo, consequentemente possuíam provavelmente mais disposição para agir nestas ações de sabotagem na Alemanha. Este setor também agia na propaganda através de panfletos distribuídos na Alemanha e em países neutros.

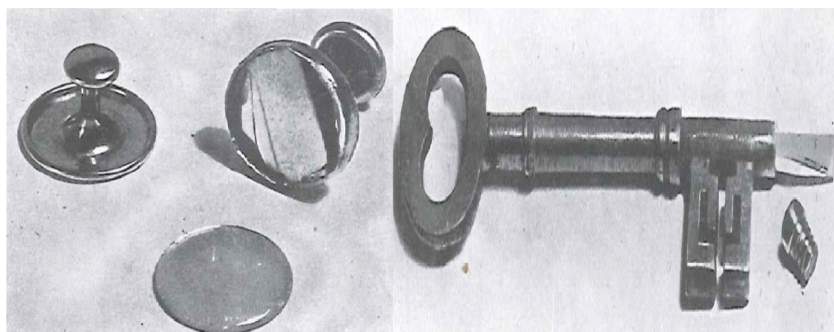
Com o surgimento do SOE, a seção foi transferida do SIS para o novo órgão. Tal mudança foi impulsionada pela crise em Dunquerque⁵ e pela falha do SIS em uma operação de sabotagem na Suécia em uma instalação portuária de exportação de minério. Políticos, burocratas e espões britânicos perceberam a necessidade de organizar os diversos mecanismos de sabotagem, propaganda e resistência em um único corpo para trabalhar no exterior de forma reconhecida. O surgimento do SOE foi consequência da vontade de Winston Churchill em “incendiar a Europa”. Criada por Neville Chamberlain e Hugh Dalton, *Minister for Economic Warfare* (Ministro da Economia de Guerra), e liderada pelo diretor executivo Colin Gubbins⁶, cujo codinome era “M”. Como Dalton reportou ao secretário dos Negócios Estrangeiros, Lord Halifax, em 2 de julho:

⁵ Falamos aqui da evacuação dos soldados ingleses na cidade francesa de Dunquerque em 1940 mediante a ocupação nazista. Cf.: *Ibidem*.

⁶ Estudou em Cheltenham College e em Sandhurst, lutou na Primeira Guerra Mundial na França, na Bélgica e no Norte da Rússia, ganhando a Cruz Militar. Cf.: WEST, Nigel. **The A to Z of British Intelligence**. Lanham, Toronto, Plymouth, UK: The Scarecrow Press, Inc, 2009, p. 225.

O que é necessário é uma nova organização para coordenar, inspirar, controlar e assistir aos cidadãos dos países oprimidos, que devem ser participantes diretos. Precisamos de sigilo absoluto, um certo entusiasmo fanático, disposição para trabalhar com pessoas de diferentes nacionalidades, confiabilidade política completa” (Tradução nossa) (BULL, 2013, p.12)⁷

Já a preparação do pessoal era feita pelo *Training* (Treinamento). Foram realizados treinamentos em estações no exterior através de instruções e manuais. Dentre estes podemos citar o *Partisan Leader's Handbook*, 1939 (Manual do Líder Guerrilheiro) ou o *Sten Gun Manual*, 1944 (Manual da Sten Gun). Além de aperfeiçoar dispositivos para esconder documentos, como por exemplo, anéis capazes de esconder tanto comprimidos para suicídio como microfotografias ou mensagens escritas em pequenos pedaços de papéis. Essas mensagens também poderiam ser escondidas em um broche, uma gravata ou uma chave de porta com microimpressões e códigos escondidos (M.O.I. (S.P.) THE WAR OFFICE: 1945).



Broche e chave de porta utilizados por agentes secretos para esconder pequenas mensagens e códigos
(Fonte: Catalogue of Special Devices and Supplies, 1945)

⁷ "What is needed is a new organisation to co-ordinate, inspire, control and assist the nationals of the oppressed countries who must themselves be direct participants. We need absolute secrecy, a certain fanatical enthusiasm, willingness to work with people of different nationalities, complete political reliability"

Por fim, ainda podemos citar a *Section V* (Seção V), responsável pela contrainteligência. Seu sucesso relaciona-se ao uso de materiais do GC&CS (Inteligência de Sinal) chamado de ISOS. Esta seção manteve cooperação com *B Division* do MI5 (agência britânica responsável pela contrainteligência) em trabalhos conjuntos, apesar das rivalidades entre ambas as agências. Isso evidencia que apesar de seus objetivos e sua função serem voltadas para o exterior, isso não impossibilitou trabalhos no próprio país. Ao que tudo indica, mesmo possuindo suas áreas de atuação, elas faziam parte de uma rede interligada.

O modelo britânico aqui apresentado serviu como inspiração para o serviço secreto norte-americano. O *Office of Strategic Service* (OSS) nasceu posteriormente ao SIS e ao SOE e procurou organizar suas funções e atividades a partir dos setores que compunham tais órgãos. Assim, é possível verificar semelhanças na inteligência e nas operações especiais entre ambos os países, mas isso não exclui suas especificidades. Apesar da influência da Grã-Bretanha, os Estados Unidos organizam o OSS com algumas divergências que talvez julgassem serem melhores para seu trabalho ou até mesmo resultados de algumas políticas e interesses.



2.3 O que foi e quais os objetivos?

O *Office of Strategic Service* (OSS), que foi o precursor da CIA (Agência Central de Inteligência), era uma agência de serviço secreto norte-americana com o objetivo de coletar informações, fornecer inteligência e empreender operações especiais e clandestinas no teatro da Segunda Guerra Mundial para dificultar a ocupação do território pelo inimigo (BULL, 2013, p. 06-7). Tal instituição agia em: guerra clandestina; setores de pesquisas e análises; ações de espionagem; operações especiais; inteligência secreta e em grupos operacionais que agiam em operações militares de guerrilha. Uma das formas utilizadas era tentar incentivar a resistência pela própria população local nos países dominados pelo Eixo, instigando e desenvolvendo ações de sabotagens e propaganda. Seu campo de ação era a Europa, Norte da África e Ásia, chegando a 40 escritórios no exterior. Enquanto a América Latina e a própria segurança interna dos Estados Unidos, isto é, a contraespionagem, eram responsabilidades do FBI.

O OSS, criado pela Casa Branca durante o governo de Franklin Roosevelt, surgiu em julho de 1941. Inicialmente chamado *Co-ordinator of Information* (Coordenação de Informação ou COI), tendo sua mudança de nome para o OSS (1942) depois da entrada do país na guerra diante do ataque japonês a base de Pearl Harbor no Havaí, em 1941, que culminou na declaração de guerra, foi idealizado e liderado pelo milionário William Joseph Donovan. Esse surgimento foi marcado pela relutância dos militares em aceitar a agência.

William Donovan foi enviado para a Inglaterra para analisar o poderio militar e o serviço de informação britânico. Segundo Ladislav Farago, no seu retorno detalhou ao presidente informações sobre operações e o serviço secreto britânico (FARAGO, 1961.p. 200). A partir disto teve a ideia de criar uma agência de inteligência e espionagem americana para a segurança nacional frente à guerra contra o Eixo. Roosevelt aprovou e criou a Coordenação de Informação, que se tornaria posteriormente o *Office of Strategic Service*.

É perceptível a influência da inteligência britânica no surgimento da agência americana. Ian Fleming aconselhou e apoiou Donovan na criação da COI fornecendo informações sobre a estrutura e funcionamento do sistema de inteligência britânico. Além de incentivar uma relação próxima entre a inteligência americana e o MI6. Também Sir William "Little Bill" Stephenson, chefe de inteligência da Grã-Bretanha nos Estados Unidos, em tempos de guerra, ajudou o Chefe OSS com informações sobre os métodos e organização do Serviço Secreto Britânico (MCDONALD, 1991, p.83).

Como uma instituição civil, a COI foi inicialmente composta por especialistas de diversas áreas, como história, antropologia, economia, entre outras. Entre eles estavam professores e assistentes, conhecidos como "Cem Professores" (FARAGO, Op. cit., p. 193) com o objetivo de colher informações. Realizavam este trabalho através de fontes geralmente negligenciadas, como fotografias de viagens em épocas de paz de países que se tornaram inimigos durante a guerra ou ainda através de conversas com viajantes estrangeiros. Mas, neste momento ainda não era uma agência que poderia ajudar a vencer a guerra. Para Ladislav Farago, o seu amadurecimento ocorreu com a mudança de nome para *Office of Strategic Service* em 1942, também sob a chefia de Donovan, composto além de especialistas, também por espiões e sabotadores.

Inicialmente o OSS era composto por amigos de Donovan. Quando surgiu, a COI possuía 1.600 em sua equipe, enquanto o OSS 12.718 (MCDONALD, Op. cit., p. 81). Todavia, ao longo da guerra o OSS empregou cerca de 24.000 funcionários com uma variedade de profissões, entre eles "soldados, atores, historiadores, advogados, atletas, professores, repórteres. Mas por vários anos durante a II Guerra Mundial, eles eram conhecidos simplesmente como os OSS" (TIMES, 2008). Inclusive havia algumas personalidades famosas, como o historiador Arthur Schlesinger Jr., o ator Sterling Hayden e os filhos do Presidente Theodore Roosevelt, Quentin e Kermit Roosevelt. Conforme Tim Weiner, entre a equipe havia aqueles que "saltavam sobre as linhas inimigas, brandindo armas, explodindo pontes, conspirando contra nazistas juntamente com o movimento de resistência da França e dos Balcãs" (WEINER, 2008, p. 22).

A agência surgiu em meio a crises. Antes dos Estados Unidos entrarem na guerra em 1941, o presidente Franklin Roosevelt tentou se preparar para um possível conflito, pois a ameaça do Eixo era iminente. Os americanos já mantinham relações próximas com a Inglaterra, com parcerias econômicas, fornecendo material bélico entre outros produtos e representavam o principal obstáculo para dominação japonesa no Pacífico. Foi nesta ocasião que ele percebeu que seu sistema de inteligência era ineficiente. Segundo Waldo Heinrichs, os estadunidenses não possuíam informações para montar uma estratégia adequada na preparação para a guerra (HEINRICHS, 1991, p.08-9). Inclusive já havia espionagem japonesa nos EUA antes mesmo do ataque a Pearl Harbor (FARAGO, 1961, p. 166-7), enquanto os próprios americanos não acreditavam que os japoneses fossem atacá-los.

Neste sentido, o ataque a Pearl Harbor representou uma falha no serviço de inteligência e espionagem. Os EUA conseguiram decifrar algumas mensagens em código do Japão, sabiam que o ataque poderia acontecer, mas imaginaram que os japoneses não teriam coragem em uma aposta tão alta. O código era tão secreto que não foi compartilhado com os comandantes de campo e as rivalidades entre setores militares fizeram com que informações fossem divididas, escondidas e não repassadas (WEINER, 2008, p. 24). Desta forma, não conseguiram perceber a situação como um todo.

2.4 Como estava organizado o OSS?

Para executar a coleta e análise de informações estratégicas, empreender inteligência secreta, planejamento e execução de missões de sabotagem e subversão moral contra o inimigo e apoiar operações militares no conflito, o *Office of Strategic Service* se organizou de forma dinâmica, se adaptando às necessidades e condições peculiares dos teatros de operações da guerra. Para isto, a agência foi dividida em diversos setores, cada um com suas respectivas funções, espalhadas por diferentes países. Tendo, inclusive, algumas alterações de tempos em tempos, mas mantendo seu padrão e seu objetivo básico.

Trata-se de um complexo organismo que pode ser verificado em um documento produzido para agentes em treinamento no OSS. Este livreto chama-se *Office of Strategic Services (OSS): Organization and Functions* (Escritório de Serviço Estratégico: Organização e Função). Produzido pelo *Schools & Training Branch* (Setor de Educação e Treinamento) em junho de 1945. Seu objetivo era complementar palestras sobre a organização do OSS. O texto oferece uma visão detalhada do funcionamento da agência, com organogramas e apresentações de cada setor, bem como suas respectivas funções. Era um material de estudo sigiloso para aqueles que estavam em preparação para se tornar um agente ou funcionário OSS.

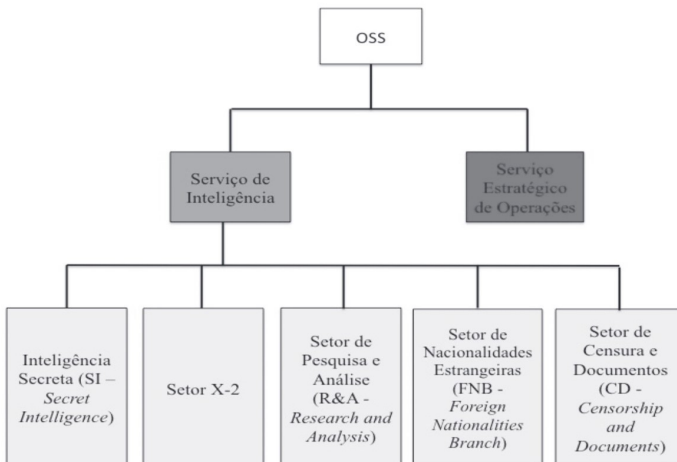
Havia o cuidado para que pessoas desautorizadas não tivessem acesso ao material. Eram imprescindíveis os cuidados com a segurança por parte do aluno:

A informação contida neste livro é uma comunicação privilegiada para os estudantes OSS e é destinada a ajudá-los a entenderem e a efetuarem suas tarefas de forma inteligente no exterior ou nos Estados Unidos. Esta informação não pode ser transmitida para pessoas desautorizadas fora da organização (Tradução Nossa) (**Office of Strategic Service (OSS): Organization and Function**, 1945, p. 01)⁸

⁸ The information contained in this book is a privileged communication to OSS students and is designed to help them understand and perform their jobs intelligently overseas or in the States. This information is not to be imparted to unauthorized persons outside the organization.

Dentre essas informações sigilosas observamos como o OSS estava dividido. As duas principais funções da agência eram o Serviço de Inteligência e o Serviço Estratégico de Operações, administradas por dois diretores-adjuntos. No âmbito de cada função haviam diferentes setores responsáveis por atividades específicas no teatro de operações com seus respectivos representantes trabalhando em conjunto com os comandantes oficiais locais de cada teatro da guerra.

No Serviço de Inteligência encontramos os seguintes setores: a Inteligência Secreta (SI – *Secret Intelligence*), responsável por obter inteligência através de espionagem em países neutros ou ocupados pelo inimigo. Essas informações eram obtidas através de outras agências aliadas ou redes de agentes que tinham como fontes grupos clandestinos e guerrilheiros; Setor X-2, que trabalhava com contraespionagem e segurança lado a lado com o FBI; Setor de Pesquisa e Análise (R&A - *Research and Analysis*), importante para o esforço de guerra, produzia inteligência de natureza estratégica, política, geográfica e econômica através do estudo de diversas fontes; Setor de Nacionalidades Estrangeiras (FNB - *Foreign Nationalities Branch*) com a função de estudar os imigrantes nos Estados Unidos e suas relações com os eventos políticos externos; e por fim, o Setor de Censura e Documentos (CD - *Censorship and Documents*) que era responsável por obter material de censura para organização e monitoramento de transmissões de inteligência econômica, comercial e política, como também pesquisava e fornecia documentos pessoais para operações de outros setores da agência (**Office of Strategic Service (OSS): Organization and Function**, 1945, p. 06).



(Organograma criado pela autora)

Na sua outra função, de Serviço Estratégico de Operações, o OSS também se dividia em alguns setores. O primeiro deles era o Setor de Operações Especiais (SO - *Special Operations*), que organizava e auxiliava operações de sabotagem atrás das linhas inimigas, por meio de agentes preparados, comunicações e suprimentos para grupos clandestinos e de guerrilha. Também organizavam equipes especiais que eram mandadas com o objetivo de destruir alvos específicos, obter informações e promover guerra de guerrilha. Agiam em diversos países como Noruega, França, Dinamarca, norte da Itália, China, entre outros (Ibidem, p. 06).

Dando sequência, havia também o Setor de Operações Morais (MO - *Morale Operations*) que visava a subversão moral do inimigo via propaganda. Setor de Unidade Marinha (MU - *Maritime Unit*) que executava sabotagem de navios inimigos com demolições subaquáticas e incursões furtivas em portos inimigos. Segundo o livreto *Office of Strategic Service (OSS): Organization and Function*, produzido para os recrutas OSS, a contribuição desta unidade era a mais importante no campo de transportes aquáticos por agentes infiltrados e grupos clandestinos (Ibidem, p. 07).

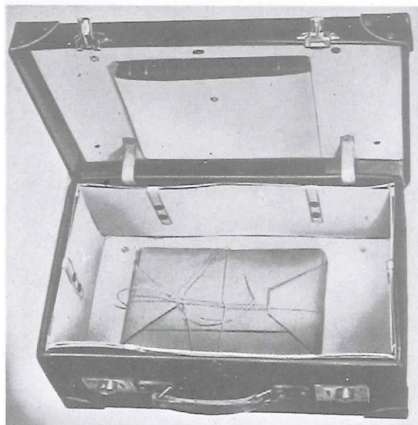
Ainda temos o Setor de Projeto Especiais (*Special Projects*) para cuidar de tarefas que nenhum outro setor fazia, e a Unidade de Campo Experimental (*Field Experimental Unit*) que era um grupo especial incluído na divisão de administração do OSS, tendo seus planejamentos e operações sob o controle direto do Gabinete do Diretor. Havia ainda o Comando de Grupos Operacionais (OG - *Operational Group*) que organizava e operava forças de guerrilhas em operações de penetração profunda. Eles treinavam e comandavam guerrilheiros no exterior, como na China, por exemplo. Já na França, imediatamente antes e após o Dia D (1944), este Comando articulou e apoiou os Maquis, guerrilheiros franceses que lutavam contra a ocupação alemã.

Além destas duas principais funções do OSS, também havia outros setores com funções administrativas, como forma de apoio ou complementar. Entre eles está o próprio Setor de Educação e Treinamento (S&T - *Schools and Training*), que produziu o livreto aqui apresentado, responsável por treinar o pessoal OSS nos Estados Unidos e no exterior onde havia teatros ativos e realizar a triagem preliminar de recrutas para serviços em outros países, utilizando programas psicológicos e de avaliação.

Um exemplo do tipo de treinamento que recebiam é o caso de Aline, Condessa de Romanones. Ela foi agente do Serviço de Inteligência do OSS em Madri (o governo fascista espanhol não entrou oficialmente no conflito declarando guerra, mas mantinha relações próximas com o Eixo) e seu escritório funcionou entre janeiro de 1944 a agosto de 1945, com um nome fictício de "*American Oil Mission*". Os seus objetivos eram enganar estrategicamente os alemães sobre as áreas de pouso para a Operação Anvil, um desembarque Aliado no sul da França em 1944; produção de relatórios de ordem militar e inteligência industrial da máquina de guerra alemã; contraespionagem em operações secretas alemãs executadas através da Espanha e monitorar a canalização de obras de artes e outros itens valiosos da Europa para refúgios seguros na América Latina.

Antes de se instalar em Madri, Aline passou por um recrutamento e treinamento em Farm, próximo a Washington, juntamente com homens e mulheres de diferentes nacionalidades e idades. Em seu relato ela afirma que antes de ser recrutada toda a sua vida foi investigada e chegando lá recebeu palestras e treinamentos de como manter sigilo do serviço e de sua identidade, uso de armas, defesa pessoal, detalhes geográficos da Europa, código Morse, codificação, truques de memória, vigilância, organização de redes, recrutamento de agentes etc. Ao chegar à Espanha trabalhou com codificações, formação de redes de agentes, recrutamento de mulheres para trabalhar disfarçadas, descobertas de agentes duplos, inteligência e contra-inteligência. Além de sabotagens empreendidas por movimentos de resistência. Todavia, muitas informações foram perdidas ou mal processadas e alguns agentes chegaram a ser capturados (ALINE, COUNTESS OF ROMANONES, 1991, p. 123-26).

Na organização da agência americana, também havia o Setor de Pesquisa e Desenvolvimento (R&D - *Research & Development*). Este setor adquiria e desenvolvia dispositivos especiais para serem utilizados em campo tais como: dispositivos camuflados para transportar mensagens, diferentes artefatos explosivos e armas. Entre os mecanismos utilizados por agentes secreto podemos citar, por exemplo: "a maleta incendiária" que aparentemente é uma maleta comum, mas possuía substâncias químicas e uma bateria capazes de incendiar documentos guardados nela (M.O.1. (S.P.) THE WAR OFFICE, 1945).

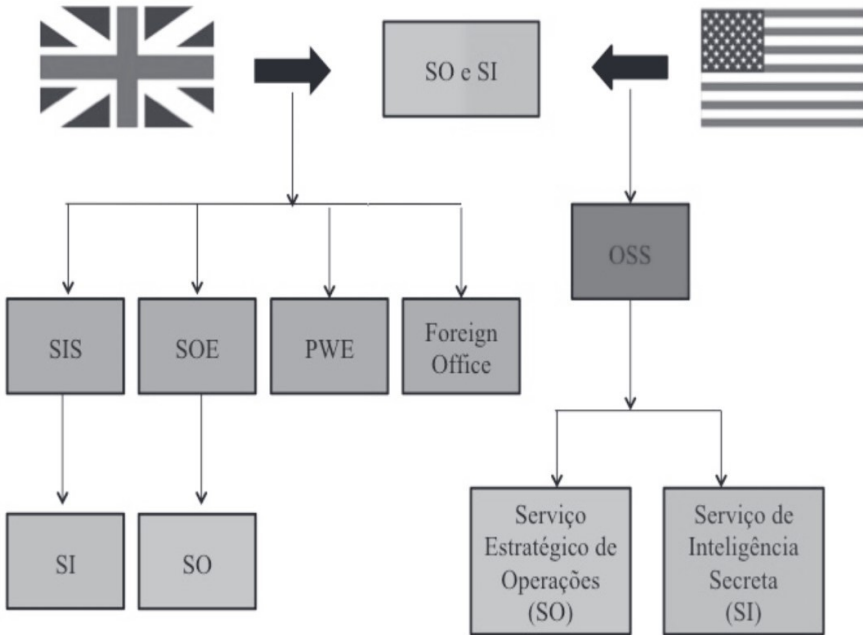


Maleta incendiária utilizada por agentes secretos para destruir documentos.

(Fonte: Catalogue of Special Devices and Supplies, 1945)

Entre outros setores da agência estavam: aqueles responsáveis pelo aconselhamento ao Diretor Donavan; registro e armazenamento de relatórios de missões; sistemas de comunicações entre Washington, sub-bases e agentes em campo; uso de cifras e códigos das transmissões; e fornecimento e equipamento de rádios para as equipes em bases. Como também aqueles que produziam fotografias e filmes das atividades do OSS, Exército e Marinha; funções de sede usuais para a equipe do Exército e da Marinha atribuídos ao OSS; segurança do pessoal antes do recrutamento e da segurança física dos estabelecimentos da agência nos Estados Unidos e no exterior; e desembolsavam fundos no Congresso para atividades que não poderiam ser reveladas por motivos de segurança; e unidades médicas e saúde para o pessoal do OSS (**Office of Strategic Service (OSS): Organization and Function**, 1945, p. 07-08).

Observando toda essa estrutura do OSS, conforme Lawrence H. McDonald, a agência estava organizada em um modelo semelhante ao britânico, tanto referente ao serviço de inteligência (SI), como às operações secretas (SO). O OSS combinou quatro funções das organizações britânicas em uma agência: *Secret Intelligence Service (MI6)*, *Special Operations Executive (SOE)*, *Political Warfare Executive (PWE)*, e o *Foreign Office Research Department* (MCDONALD, 1991, p. 85). Ainda segundo o autor, "o OSS não só adicionou unidades operacionais para dar prosseguimento à guerra clandestina e sabotagem, mas também assumiu total responsabilidade por todo o ciclo de inteligência" (Ibidem, p.87). No organograma abaixo podemos observar essa estrutura em um quadro comparativo:



(Organograma criado pela autora)

Com esta comparação encontramos semelhanças ao empreender as mesmas funções (SI e SO), possivelmente devido à influência do modelo britânico de inteligência sob a criação do serviço norte-americano, mas também suas especificidades (concentração no OSS o que quatro agências faziam na Grã-Bretanha). Para chegar a essa conclusão, os procedimentos da História Comparada através das ideias de Jürgen Kocka nos ajudaram a observar aspectos difíceis de serem notados se a análise ocorresse apenas em uma das sociedades; identificar e responder questões de causas; encontrar singularidades e ampliar nosso campo de análise (KOCKA, 2003, p. 39-40). Com isso verificamos como o SIS, o SOE e o OSS construíram “tentáculos”, isto é, uma cadeia de setores com diferentes funções, mas que estavam conectados para o funcionamento do todo e gerando trocas entre si. A partir de um centro foram construindo ramificações para atuações em diferentes operações e atividades no teatro de guerra e elaboração de estratégias.

3.0 Comparando as agências

Feitas as apresentações da organização e funcionamento dos serviços secretos britânico e norte-americano, podemos chegar a duas conclusões. A primeira é que as agências nasceram de forma semelhante. Surgiram em países que já mantinham alguns serviços de espionagem e inteligência, mas que diante de crises seus políticos perceberam a necessidade de concentrar suas atividades em um órgão que pudesse agir no exterior com maior excelência. Semelhança também pode ser encontrada nas suas funções, pois em ambos os países procuravam agir no serviço de inteligência e de operações especiais, chegando a trabalhar em conjunto em algumas situações. Contudo, ao passo que nos EUA estas atividades estavam concentradas em uma única instituição, o OSS, na Grã-Bretanha estavam separadas entre SIS e SOE.

A segunda é que tratavam-se de instituições complexas e burocráticas. Diferente do senso comum influenciado pelas histórias de ficção do *Agente 86* (1965-1970) ou de *Missão Impossível* (1996-2015), agências de inteligência não se resumiam apenas a espões que pulavam de paraquedas atrás das linhas inimigas ou que empreendiam ações de sabotagens com explosões. Isso é apenas uma parte. Foram montadas estruturas com diferentes setores, com suas respectivas funções para que o todo pudesse funcionar de maneira coordenada. Sendo assim, intelectuais, burocratas e funcionários de variadas atribuições eram tão importantes quanto esses agentes secretos. Não bastavam atos “heroicos”, o trabalho era feito também atrás de uma mesa de escritório.

Fontes

Aline, Countess of Romanones. The OSS in Spain during World War II. In: In: CHALOU, George C. (org). **The Secrets war: the Office of Strategic Services in World War II.** United States: National Archives and Records Administration. Proceedings of a conference sponsored by and held at the National Archives in Washington, D.C., July 11-12, 1991, p.122-8.

BLOCH, Marc. **A estranha derrota.** Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BRITISH MILITARY INTELLIGENCE, **The Partisan Leader's Handbook,** 1939.

Helene Deschamps-Adams. BEHIND ENEMY LINES IN FRANCE. In: CHALOU, George C. (org). **The Secrets war: the Office of Strategic Services in World War II.** United States: National Archives and Records Administration. Proceedings of a conference sponsored by and held at the National Archives in Washington, D.C., July 11-12, 1991, p. 140-164.

M.O.1. (S.P.) THE WAR OFFICE. **Catalogue of Special Devices and Supplies,** Copy No. 34, 1944. In: **Secret Agent's Handbook: The WWII Spy, Manual of Devices, Disguises, Gadgets, and Concealed Weapons.** Canada: The Lyons Press, 2001.

M.O.1. (S.P.) THE WAR OFFICE. **Catalogue of Special Devices and Supplies.** Copy No. 148, Vol. 2, 1945. In: **Secret Agent's Handbook: The WWII Spy, Manual of Devices, Disguises, Gadgets, and Concealed Weapons.** Canada: The Lyons Press, 2001.

OFFICE OF STRATEGIC SERVICES, **Manual of Disguise,** 1944.

OFFICE OF STRATEGIC SERVICES, **Simple Sabotage Field Manual,** 1944.

SCHOOLS OF TRAINING BRANCH, **Office of Strategic Services (OSS): organization and functions,** 1945.

THE WAR OFFICE, **Sten Gun Manual,** 1944.

Referências bibliográficas

BARROS, José D'Assunção. **História Comparada**. Petrópolis: Vozes, 2014.

BLOCH, Marc. Por una historia comparada de las sociedades europeas. In: GODOY, Gigi; HOURCADE, Eduardo. **Marc Bloch: una historia viva**. Estudio preliminar y seleccion de textos. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1992.

BROOK, Sir Robin. The London Operation: The British View. In: CHALOU, George C. (org). **The Secrets war: the Office of Strategic Services in World War II**. United States: National Archives and Records Administration. Proceedings of a conference sponsored by and held at the National Archives in Washington, D.C., July 11-12, 1991, p. 69-73.

BULL, Stephen. Introduction. In: **The Secret Agent's: pocket manual (1939-1945)**. London: Conway, 2013, p. 6-24.

CLAUSEWITZ, Carl. **Da Guerra**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FARAGO, Ladislav. **A Guerra Secreta: História da Espionagem na II Guerra Mundial**. Lisboa: Edições 70, 1961.

FOOT, M.R.D. The OSS And SOE: An Equal Partnership? In: CHALOU, George C. (org). **The Secrets war: the Office of Strategic Services in World War II**. United States: National Archives and Records Administration. Proceedings of a conference sponsored by and held at the National Archives in Washington, D.C., July 11-12, 1991, p. 295-300.

HEINRICH, Waldo. The United States Prepares For war. In: CHALOU, George C. (org). **The Secrets war: the Office of Strategic Services in World War II**. United States: National Archives and Records Administration. Proceedings of a conference sponsored by and held at the National Archives in Washington, D.C., July 11-12, 1991, p. 08-18.

HORN, Eva. **Knowing the Enemy: The Epistemology of Secret Intelligence**. Translation from the German by Sara Ogger. Published in Grey Room 11, May 2003.

JEFFERY, Keith. **Secret history of MI6 (1909-1949)**. USA: The Penguin Press, 2010.

KEEGAN, John. **Inteligência na Guerra**: Conhecimento do inimigo, de Napoleão à Al-Qaeda. Trad.: S. Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

KOCKA, Jürgen. Comparação e Além. **History and Theory**, n. 42, feb. 2003. Tradução de Maria Elisa da Cunha Bustamante.

MCDONALD, Lawrence H. The OSS and its Records. In: CHALOU, George C. (org). **The Secrets war**: the Office of Strategic Services in World War II. United States: National Archives and Records Administration. Proceedings of a conference sponsored by and held at the National Archives in Washington, D.C., July 11-12, 1991, p.78-102.

PONTE, Helder. A História Comparada. In: **Um Pouco de Historiografia**. Disponível em: <http://umpoucodehistoriografia.blogspot.com.br/2007/05/45-histria-comparada.html>. Último acesso: 17/06/2014 às 18:01.

SEAMAN, Mark. Introduction. In: **Secret Agent's Handbook**: The WWII Spy, Manual of Devices, Disguises, Gadgets, and Concealed Weapons. Canada: The Lyons Press, 2001.

TIMES, New York. "24,000 WWII-era spies revealed in U.S. documents". In: **The New York Times**. 2008. Disponível em: http://www.nytimes.com/2008/08/14/world/americas/14iht-spies.4.15302307.html?_r=1&. Último acesso em: 04/08/2017 às 20:31h.

TZU, Sun. **A Arte da Guerra**. Tradução para o português por Neury Lima. São Paulo: Novo Século, 2014.

WEINER, Tim. **Legado de cinzas**: uma história da CIA. Trad Bruno Casotti. Rio de Janeiro: Record, 2008.

WILLMOT, H.P. **Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

WOLOSYN, André Luís. **Guerra nas Sombras**: Os bastidores dos serviços secretos internacionais. São Paulo: Contexto, 2013.

